

O trabalho dos idosos

» JOSÉ PASTORE

Professor da Universidade de São Paulo, presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomércio-SP e membro da Academia Paulista de Letras

Os países que aumentaram a idade de aposentadoria vêm enfrentando o grave desafio de garantir trabalho para os idosos. Esse será também o caso do Brasil se a reforma da Previdência Social fixar a idade mínima em 65 anos. No texto aprovado na Comissão Especial, a idade subirá ainda mais no futuro. Isso significa a necessidade de criação de milhões de empregos para acomodar número crescente de idosos no mercado de trabalho, pois a vida média das pessoas continuará aumentando de forma acelerada.

Segundo estimativas dos demógrafos, a criança que nasce nos dias de hoje nos países avançados tem 50% de chance de viver além dos 105 anos. Cinquenta por cento dos jovens que têm 30 anos chegarão aos 100 anos. É a força da longevidade. O grupo que mais cresce nos dias atuais é o que tem mais de 85 anos de idade (Lynda Gratton e Andrew Scott, *The 100 year life*, Londres: Bloomsbury Publisher, 2016).

A pergunta que os demógrafos colocam é dura, mas real: o que acontecerá com as pessoas se a sua poupança acabar antes da sua morte? É claro que nenhum sistema previdenciário terá capacidade de manter esses idosos aposentados, sem trabalhar. Eles terão de trabalhar. E o que vão fazer? O primeiro desafio é garantir empregos para essas pessoas. O segundo é dar a elas habilidades para trabalhar com as tecnologias do trabalho moderno.

Para enfrentar o primeiro desafio, os países avançados criaram há muito tempo formas de trabalhar, como é o caso do trabalho intermitente, tempo parcial, terceirizado, autônomo, teletrabalho e outros. Como é impossível acomodar todos os idosos em trabalhos em tempo integral, eles trabalham nas formas acima indicadas. Dessa maneira evita-se uma avalanche de idosos desempregados ou aposentados.

O segundo desafio se refere ao domínio das novas tecnologias do mundo digital. Até pouco tempo, o maior impacto da automação se dava na indústria pela substituição dos trabalhadores por robôs nas tarefas repetitivas. Hoje, as tecnologias dominam todos os setores e afetam as pessoas e a própria sobrevivência das empresas. Nesse novo mundo, os idosos estão sendo demandados a fazer o que não aprenderam na juventude. Não há outra saída: vida mais longa requer não apenas mais dinheiro, mas também flexibilidade para dominar novos conceitos e novas maneiras de trabalhar.

As tecnologias modernas vêm sendo simplificadas para facilitar a aprendizagem dos mais velhos. Reportagem recente da *Revista Economist* mostrou que 25% dos motoristas de Uber nos Estados Unidos têm



mais de 55 anos e a população dá preferência a eles. Para dirigir veículos, eles tiveram de aprender a lidar com aplicativos do mundo digital. O mesmo ocorre em várias outras atividades. Na Suécia, na Holanda, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na França, na Alemanha, na Espanha, na Itália e na Grécia crescem a cada dia os cursos de treinamento em tablets para idosos. A aprendizagem tem sido surpreendente. Com isso, eles vão se capacitando para trabalhar no mundo tecnológico. Ao dominar o mundo digital, os idosos têm mais chance de trabalhar nessas atividades (*The Economist*, The new

old, the economics of longevity, 8/7/2017).

O Brasil deu importantes passos no campo das novas formas de contratação com a aprovação da Lei 13.467/2017, que instituiu a reforma trabalhista — trabalho intermitente, tempo parcial, teletrabalho, autônomo, terceirizado etc. Falta agora avançar no campo da simplificação das tecnologias e do treinamento dos idosos. Isso será essencial para se enfrentar os desafios da longevidade, para equilibrar as finanças públicas e para garantir condições ao crescimento econômico e à geração de empregos — para jovens e para idosos.

Avanços tecnológicos e sobrevivência

» ANTONIO OLIVEIRA SANTOS

Presidente da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo

Nas conjunturas de crise, como a que o Brasil está atravessando atualmente, todas as empresas sofrem algum abalo ou danos, especialmente as de menor porte, que são mais vulneráveis do que as médias e grandes, com estrutura capaz de melhor se adaptarem às flutuações dos negócios. De modo geral, todos são atingidos: os governos perdem arrecadação, as indústrias reduzem a produção, o comércio e os serviços diminuem as vendas e o mercado de trabalho encolhe, com o consequente aumento do desemprego da mão de obra e da renda dos trabalhadores. Nesse contexto, os lucros são reduzidos e caem os investimentos, gerando um círculo vicioso de recessão, em que a perda de ganho de um setor afeta os demais e vice-versa. A conjuntura recessiva cria um certo darwinismo empresarial, em que os mais fortes se adaptam, se fortalecem e sobrevivem.

As indústrias e os setores de serviços são os que primeiro e com maior intensidade sofrem os efeitos das crises. Mas o comércio também acaba sendo afetado. Até 2014, as vendas do comércio varejista ainda expandiram 2,2%, mas, a partir de 2015, elas caíram, chegando a menos 4,3%. Em 2016, a queda foi de 6,2%, quando foram fechadas 108,7 mil lojas no Brasil. Em 2017, segundo

levantamento da CNC, de janeiro a março, 9.965 estabelecimentos comerciais com vínculos empregatícios encerraram as atividades. Apesar do resultado negativo, o ritmo de fechamento de lojas é o menor para o primeiro trimestre desde 2015. Também contribui para criar perspectivas otimistas o resultado das vendas do primeiro trimestre (+2,4%), o melhor desde o terceiro trimestre de 2014 (+2,7%).

Em relação aos primeiros três meses de 2016, a variação do fechamento de lojas alcançou (-) 73,2%, já que 37.179 lojas fecharam as portas. A região que mais perdeu lojas foi a Sudeste (5 mil), sendo São Paulo o estado com maior número (2.497). Os segmentos que mais perderam estabelecimentos nacionalmente foram: hiper e supermercados (3.779 lojas fechadas), vestuário e calçados (1.733) e artigos de uso pessoal e doméstico (1.025).

Mais recentemente, em maio deste ano, o volume de vendas do varejo caiu 0,7% frente a abril, mas cresceu 4,5% em relação a maio do ano passado, evidenciando que a situação apresenta alguns sinais de melhora, no entanto, mostrando que o comércio ainda não saiu da recessão completamente. Nesse ambiente recessivo, no Brasil, como em todo o mundo, vivemos hoje verdadeira revolução

tecnológica, que afeta particularmente o comércio e a prestação de serviços, setores que se apresentam em permanente transformação para se ajustarem à realidade.

Enquanto a globalização e a conectividade reduziram a distância entre os mercados, os consumidores passaram a ter novos hábitos e preferências. A nova geração de aplicativos, a criatividade e as boas ideias têm germinado formas de criação de valor capazes de suprir as carências do mercado e o surgimento de negócios mais variados.

A tecnologia da informática gerou o e-commerce, a maior revolução comercial dos últimos 50 anos. Paralelamente, no mercado de trabalho, a convivência com os problemas do desemprego deu origem e estimulou o empreendedorismo e novos tipos de microempresários. No âmbito empresarial, confere-se cada vez mais destaque às novas formas de administração, buscando reduzir os riscos operacionais a alcançar menores custos e maiores resultados, mediante o uso de técnicas de compliance e de gestão corporativa. Os problemas e as sucessivas mudanças têm que ser acompanhadas e assimiladas por todos os empresários do comércio, grandes e pequenos, nos dias de hoje. É uma questão de sobrevivência.



ARI CUNHA

DESDE 1960

VISTO, LIDO E OUVIDO

ariacunha@dabr.com.br
com Circe Cunha // circecunha.dfg@dabr.com.br

Aos bons, o ostracismo

Por que será que a maioria dos políticos de bom comportamento, ética, com ficha limpa e respeitada por seus eleitores, quase nunca são lembrados ou indicados por seus respectivos partidos para ocupar cargos no governo? Não raro, deputados e senadores de boa índole moral são sempre aliçados na hora de se apontar nomes para ocupar funções de relevância no governo ou dentro da própria legenda. E mais: quando votam com os eleitores e cumprem o preâmbulo da Carta Magna, a primeira providência do partido é a expulsão.

Por alguma razão misteriosa ficam no mais absoluto ostracismo, empurrados para o canto da sala, nem sequer participam das reuniões internas, exercendo o mandato numa espécie de gueto, distante do que chamam “grandes discussões”. A primeira explicação que aparece para clarear esse fenômeno talvez seja a sabedoria do filósofo de Mondubim: “Não se convocam ovelhas para a convenção de lobos”.

Por certo que esse dilema deixa à vista um comportamento que, com o tempo, se tornou padrão na maioria dos partidos. Pessoas absolutamente probas não brilham entre seus pares políticos, embora com eles convivam até de forma amigável. Os nomes e as situações em que esses fatos se verificam são numerosos e se repetem com certa monotonia desde o Brasil Império.

Qualquer pesquisa mostra que esse comportamento, além de comum, tem lógica dentro das primícias políticas que ganharam campo entre nós. Como ensinava Maquiavel: “Quero ir para o inferno, não para o céu. No inferno, gozarei da companhia de papas, reis e príncipes. No céu, só terei por companhias mendigos, monges, eremitas e apóstolos”.

A refinada ciência política, tão importante para as relações humanas e para a construção de uma sociedade justa, se degenerou a ponto de se transformar na arte do malabarismo e da prestidigitação malandra. Talvez, por esse motivo, vemos com frequência o desfile dos mesmos e indecifráveis rostos. Entra e sai governo e eles lá estão, com a mesma gravata da sorte e a pastinha sob os braços, repleta de pedidos inconfessáveis e dossiês comprometedores. Nem mesmo mestres do pensamento, como Norberto Bobbio, tinham explicação para o fenômeno que aflige também outros lugares do mundo. “Quando sinto ter chegado ao fim da vida, disse, sem ter encontrado uma resposta às perguntas últimas, a minha inteligência fica humilhada, e eu aceito esta humilhação, aceito-a e não procuro fugir desta humilhação com a fé, por meio de caminhos que não consigo percorrer. Continuo a ser homem, com minha razão limitada e humilhada: sei que não sei”.

Talvez uma explicação para este comportamento político entre nós esteja no fato de que 62% dos deputados na atual legislatura e 73% dos senadores possuem laços sanguíneos com outros políticos.

» A frase que não foi pronunciada

“A melhor hora para formar o caráter de uma criança é uns cem anos antes de seu nascimento.”

William Ralph Inge, escritor inglês

Agefis

» Pouco a pouco, um setor improvisado de galpões na EPPN, altura do condomínio Porto Seguro, está tomando proporções incontroláveis. Colado ao pinheiral do Paranoá, dia a dia aparecem novas construções.

Acredite se quiser

» No Brasil, com a violência comparada à guerra de outros países em relação ao número de mortos, já poderiam haver parcerias que favorecessem a doação de órgãos. De acordo com o Ministério da Saúde, 87% dos transplantes de órgãos no país são realizados pelo SUS.

Realidade

» A falta de estrutura e de pessoal é tanta, que o IML, para atender a demanda do DF, deixa corpos assassinados mais de 24h expostos. Se morreu perto da família, a situação é mais sofrida.

Ah! Bom!

» Chegando 2018 e com ele as eleições é preciso redobrar a atenção nas pesquisas de opinião. As perguntas e porcentagem eram: O que é melhor para o país? Novas eleições, 62%; Temer continuar?

19%; Dilma voltar, 12%; e outras respostas/não sabe, 7%. A fonte da pesquisa é a CUT Vox Populi.

DataSenado

» Por falar em pesquisa, no DataSenado, coordenado por Marcos Rubem de Oliveira, a amostra é escolhida aleatoriamente e segue cada parâmetro estatístico, o que atribui a validade científica ao trabalho. Todos os estados do país são consultados nas pesquisas. Há várias enquetes na internet e pesquisas também são feitas por telefone.

Solidão

» Lá estava ele. Solitário, com um bambu segurando um cartaz de protesto. André Rhouglas, 56, morador de Ponte Nova, em Minas Gerais, foi o único manifestante na Esplanada na decisão sobre o destino do presidente Temer.

Exportação

» Asmarana é um remédio natural elaborado a partir do óleo de rã-touro. Cura a asma. Não é mais encontrado nas farmácias brasileiras. Ao que parece, medicamentos produzidos no Brasil e rejeitados pela Anvisa estão ganhando o mundo.

» História de Brasília

A possibilidade da venda dos apartamentos aos atuais ocupantes está despertando uma campanha nos ministérios militares, pela qual esses ministérios adquiririam os apartamentos para seu próprio patrimônio e alugariam aos seus integrantes, posteriormente. (Publicada em 3/10/1961)